

Pomeranos e pomeranas do Espírito Santo nos 200 anos de presença luterana em terras brasileiras

Pomeranians from Espírito Santo in the 200 years of Lutheran presence in Brazilian lands

Ana Carolina Paranhos Assunção¹
Fabiano Schmidt²

Resumo: Nestes 200 anos de presença luterana em terras brasileiras, muito se tem a comemorar e a celebrar, mas se faz necessário revisitar o passado, por meio da história. Ademais, neste bicentenário, é provável que muito irá se contar essa história na perspectiva da imigração alemã. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil é construída por muitas histórias e uma delas é a imigração pomerana, principalmente no contexto capixaba.

Recebido em 31 de maio de 2024
Aceito em 01 de agosto de 2024

¹ Bacharelado em Teologia pelas Faculdades EST em São Leopoldo/RS. Pós-graduação em Ministério Eclesiástico na IECLB pelas Faculdades EST em São Leopoldo/RS. Mestranda em Teologia pelas Faculdades EST em São Leopoldo/RS. Integrante do grupo de pesquisa “História do Cristianismo na América Latina” sob a responsabilidade do Prof. Dr. Wilhelm Wachholz e “Lutero e a Teologia da Reforma” (LUTER) sob a responsabilidade do Prof. Dr. Eduardo Sales de Lima, com o qual registro minha gratidão pela cooperação na escrita deste artigo. Contato: ana@estudante.adl.org.br.

² Bacharelado em Teologia pelas Faculdades EST em São Leopoldo/RS. Pós-graduação em Ministério Eclesiástico na IECLB pelas Faculdades EST em São Leopoldo/RS. Mestrando em Teologia pelas Faculdades EST em São Leopoldo/RS. Integrante do grupo de pesquisa “História do Cristianismo na América Latina” sob a responsabilidade do Prof. Dr. Wilhelm Wachholz e “Lutero e a Teologia da Reforma” (LUTER) sob a responsabilidade do Prof. Dr. Eduardo Sales de Lima, com o qual registro minha gratidão pela cooperação na escrita deste artigo. Contato: fabiano@estudante.adl.org.br.

Muitas das comunidades luteranas do interior do Estado do Espírito Santo são formadas por pessoas pomeranas. E, os ritos e crenças são preservados fortemente e perpassam de geração em geração. O presente artigo, contudo, visa contar essa história, a partir da vivência e experiência pomerana, como também a importância de sua religiosidade, espiritualidade e teologia para a história da IECLB.

Palavras-chave: História; Espírito Santo; IECLB; Emigração; Pomerânia

Abstract: In these 200 years of Lutheran presence in Brazilian lands, there is much to commemorate and celebrate, but it is necessary to revisit the past through history. Moreover, in this bicentennial, it is likely that much of this history will be told from the perspective of German immigration. The Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil is built on many stories, one of which is Pomeranian immigration, mainly in the context of Espírito Santo. Many of the Lutheran communities in the interior of the state of Espírito Santo are formed by Pomeranian people. And the rites and beliefs are strongly preserved and passed down from generation to generation. This article, however, aims to tell this story from the Pomeranian experience and perspective, as well as the importance of its religiosity, spirituality, and theology for the history of the church.

Keywords: History; Espírito Santo; IECLB; Emigration; Pomerania

Introdução

A história do Estado do Espírito Santo é marcada pelas imigrações, principalmente as europeias, em meados do século XIX. Mediante esse processo migratório, merece a nossa atenção a história de um povo, desconhecido até mesmo no próprio Estado, o povo pomerano. Povo este que foi e ainda é relevante na formação histórica, religiosa, cultural e gastronômica do Estado do Espírito Santo.

O presente artigo visa resgatar parcialmente a história dos pomeranos e pomeranas na extinta Pomerânia e no contexto de migração em terras brasileiras e capixabas. Pretende-se destacar sua religiosidade, espiritualidade e teologia. Para essa pesquisa serão estudadas referências bibliográficas relacionadas aos pomeranos na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. O material de pesquisa (fontes) foi levantado por meio de livros físicos e digitais. A seleção dos dados ocorreu de forma primária e secundária obedecendo o critério qualitativo. O período e banco de dados pesquisado ocorreu nos meses de abril e maio de 2024 através da Biblioteca das Faculdades EST. Espera-se que, ao término da

pesquisa, este trabalho apresente parcialmente a história dos pomeranos e das pomeranas e suas vivências e experiências religiosas, espirituais e teológicas para a IECLB.

1. A Pomerânia: uma história, um povo e uma província desconhecida

No ano de 1817, próximo ao Mar Báltico, surge uma província na Prússia, nomeada Pomerânia. Uma região marcada pelo solo úmido, arenoso e fértil, banhado por rios e lagos. Com a unificação da Alemanha, em 1871, a Pomerânia se tornou um dos Estados do Império Alemão até o ano de 1945. Todavia, com o fim da II Guerra Mundial (1939-1945), a Pomerânia deixou de existir no mapa europeu. Com o Tratado de Potsdam³, a Alemanha ficou com a parte da Pomerânia Anterior, e a Polônia com a Pomerânia Posterior.⁴

A agricultura predominava na região da antiga Pomerânia. Destacavam o cultivo da batata-inglesa, da cevada, da beterraba, do centeio, do trigo e do fumo, com a prática da horticultura e a criação de animais de pequeno porte. Manifestavam, assim, a íntima relação que os pomeranos e as pomeranas tinham com a terra, o seu cultivo, o mesmo pode ser dito em relação à fé e às superstições.⁵

No século XII ocorreu o período de expansão do cristianismo na Pomerânia. Em 1124, o duque polonês Boleslav II enviou o bispo Otto de Bamberg para evangelizar e controlar politicamente o povo pomerano. No período que marcou a presença do bispo, deu-se início a construção de igrejas, aos batismos e a destruição de templos de adoração a outras divindades. Contudo, ainda no século XII, ocorreu a conversão dos pomeranos e das pomeranas ao cristianismo.⁶

³ Conferência realizada do dia 17 de julho a 2 de agosto de 1945, onde estavam presentes os mandatários Truman, dos Estados Unidos da América, Churchill, da Inglaterra e Stalin, da União Soviética. Nesta conferência, decidiu-se que o norte da Prússia Oriental passaria a pertencer à União Soviética e o restante da região, dentre a Pomerânia Oriental, passou a pertencer à Polônia. RÖLKE, Helmar R. *Raízes da imigração alemã: história e cultura alemã no Estado do Espírito Santo*. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016, p. 83.

⁴ STUR, Carlos Rominik. *Pomeranos: os primórdios da colonização e a importância da religiosidade na formação da cultura pomerana no Espírito Santo e Minas Gerais*. Vitória, ES: Gráfica e Editora GSA, 2018, p. 13.

⁵ STUR, 2018, p. 14.

⁶ STUR, 2018, p. 14.

Os pomeranos levaram a sério a nova doutrina que tinham a Bíblia como autoridade máxima de orientação da vida. A reforma permitiu a cada família pomerana ter sua bíblia traduzida. Quando as primeiras famílias pomeranas chegaram ao Brasil trouxeram junto a Bíblia, o hinário e o catecismo menor de Lutero. Até hoje, percebe-se o grande respeito dos pomeranos à Igreja e suas tradições.⁷

Em 31 de outubro de 1817, na comemoração dos 300 anos da Reforma na Prússia, o rei Frederico Guilherme III declarou a “União” das duas Igrejas presentes na província, a Reformada e a Luterana. Essa “união” imposta resultou em desentendimentos na esfera religiosa. Nem todos os pastores e comunidades aceitaram a “Nova Agenda de Ofícios Religiosos”.⁸

A situação das sucessivas guerras na primeira metade do passado século foi criadora de muita miséria, destruição e frustração. Muita gente perdeu sua terra, suas casas e demais bens, inclusive parentes e família; a oferta para migração e começo novo em novas áreas foi bem-vinda. Por outro lado, a possibilidade de migrar foi uma solução para os muitos presos dos quais o governo tinha que se livrar nesta época de pós-guerras.⁹

Mediante esta situação, surgiu um forte movimento de pomeranos contrários à Nova Agenda de Ofícios Religiosos, que decidiram emigrar da Pomerânia, por não poderem confessar sua fé livremente e nem celebrar os cultos. Muitos desses, no entanto, procuraram a permissão do rei para poderem emigrar. O rei da Prússia concedeu a permissão mesmo sendo contra esse movimento. Em 1839, um grupo constituído por 570 colonos embarcou no porto inglês de Liverpool, em direção aos Estados Unidos.¹⁰

Aqueles e aquelas que tinham interesse em emigrar deveriam cumprir determinadas exigências do Governo Provincial: como ir à

⁷ STUR, 2018, p. 14.

⁸ RÖLKE, 2016, p. 80.

⁹ GAEDE NETO, Rodolfo. *Os pomeranos no Estado do Espírito Santo: seu passado, sua situação atual, um desafio para a Igreja*. São Leopoldo, 1978, p. 3.

¹⁰ RÖLKE, 2016, p. 82.

capital da Pomerânia para conseguir uma permissão de emigração e, no município local, um atestado de bons antecedentes. Quando recebiam a permissão de emigração, as famílias pomeranas perdiam a cidadania e os direitos como cidadãos na Pomerânia.¹¹

Neste meio tempo, existia uma intensa burocracia para impedir a emigração. Após o cumprimento de todas as exigências legais, aqueles e aquelas “sem cidadania” viajavam até o Porto de Hamburgo para o embarque. Contudo, existiam “brechas” criadas por agenciadores para facilitar a emigração dos pomeranos, mesmo não tendo todos os documentos exigidos pelo Governo. Para os agenciadores, não embarcar emigrantes saudáveis significava perda de dinheiro.¹²

No século XVIII, os pomeranos se concentravam em uma província da Prússia. No século XIX, o regime czarista que ocupava a Prússia, na tentativa de russificar à força os poloneses e os demais povos que estavam no território, forçou a emigração de centenas de milhares de pomeranos. Alguns se refugiaram na Alemanha e muitos procuraram outros países.¹³

Os movimentos de emigração não ocorreram apenas para os Estados Unidos em 1839. Houve grupos que foram para a Austrália, Estados Unidos, Canadá, Brasil, Chile, Guatemala e África do Sul. No Brasil, esses grupos foram para os estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná e Rondônia (migração). A motivação deu-se por conflitos internos e pela invasão estrangeira, em busca de melhores condições de vida.

2. A religiosidade, a espiritualidade e a teologia presente na emigração e colonização pomerana no Espírito Santo

No Espírito Santo, a imigração iniciou em 1859. Eram agricultores provenientes da Pomerânia Posterior. Algumas cidades da Pomerânia mudaram seus nomes em 1945, com o fim da II Guerra Mundial e o domínio polonês. Os principais destinos de pomeranos e

¹¹ STUR, 2018, p. 15.

¹² STUR, 2018, p. 16.

¹³ RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antonio. *Festas, comemorações e rememorações na imigração*. São Leopoldo, RS: Oikos, 2014, p. 843.

pomeranas no Espírito Santo foram: Santa Leopoldina, Domingos Martins, Santa Teresa, Afonso Cláudio, Itaguaçu, Itarana, grande Vitória, Laranja da Terra, Baixo Guandu, Pancas, Colatina, São Gabriel da Palha e Vila Pavão.

Em 28 de junho de 1859, desembarcou em Vitória, trazido pelo navio São Matheus, o primeiro grupo de pomeranos, no total de 117 colonos, distribuídos em 27 núcleos familiares. Partiram do porto de Hamburgo no dia 27 abril do mesmo ano a bordo do transatlântico Eleonore e, em 26 de junho, aportaram na capital do Império, onde foram recambiados para a embarcação que os trouxe ao Espírito Santo.¹⁴

Contudo, nos anos de 1871 a 1918, o fluxo de entradas dos alemães no Espírito Santo aumentou gradativamente, sendo predominante a entrada de colonos de origem pomerana.¹⁵ Esses grupos colonizaram principalmente as terras altas de Domingos Martins e Santa Leopoldina, sendo que, “na região da “terra fria”, os imigrantes receberam lotes de terras em áreas montanhosas e com solo ácido, impossível para o plantio de café”.¹⁶ Entrementes, os descendentes desses imigrantes, em geral, decidiram migrar para as terras quentes em busca de novas oportunidades, melhores condições de vida e terras férteis e baratas.¹⁷

[...] se tratava, em bloco, de terras não apropriadas, porque desprezadas pelo luso-brasileiros, e desprezadas porque inacessíveis, seja para quem vem do sul, por causa da Serra do Castelo, seja para quem vem do oeste, por causa da Serra do Caparaó, confinando no rio Doce, que era em fins do século XIX o limite do Espírito Santo conhecido.¹⁸

¹⁴ FRANCESCHETTO, Cilmar. *Imigrantes Espírito Santo: base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX*. Organizado por Agostino Lazzaro. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014, p. 944.

¹⁵ STUR, 2016, p. 16.

¹⁶ STUR, 2016, p. 20-21.

¹⁷ STUR, 2016, p. 19, 20-21.

¹⁸ STRÖHER, Marga Janete. *Trajatória histórica dos pomeranos do Espírito Santo*. São Leopoldo, 1988, p. 14.

O processo de colonização dos pomeranos, no século XX, foi marcado com a derrubada parcial de florestas virgens. Os colonos abriram “picadas”¹⁹ e pequenos caminhos, venderam suas madeiras ou as queimaram para abrir espaço e local de construção para estradas, pontes, casas, escolas e igrejas. Construíram casas ou choupanas simples, de pau-a-pique, no meio de densas matas. As matas eram abundantes em pássaros e animais, com os rios limpos e fartos de peixes.²⁰

Simultaneamente com a chegada e a colonização ao Espírito Santo, um aspecto particular chamou a atenção das demais pessoas que viviam nessas terras, a língua. No contexto familiar e comunitário, a língua pomerana é a primeira a ser ensinada e aprendida. Ainda hoje, muitas dessas pessoas possuem apenas o conhecimento dessa língua materna. Contudo, os e as jovens, nascidos e criados nesse contexto, são orientados e orientadas a aprenderem novas línguas. Especificamente no Espírito Santo, os pomeranos e as pomeranas, “vivem numa situação trilingue, o pomerano, o alemão e o português são falados por frações importantes desta população”.²¹

Até mesmo o seu dialeto apenas é falado entre eles e não existe escrito. Existem bíblias escritas ainda na Pomerânia e um jornal [...] no Espírito Santo, mas a grande maioria não sabe escrever esse dialeto e nem tiveram ou têm acesso ao pouco que existe. Na verdade, sempre foram obrigados a escrever na língua do dominador.²²

Atualmente, na região de Santa Maria de Jetibá, algumas comunidades luteranas são contempladas por ministros e ministras que compreendem e falam a língua pomerana. Esta é utilizada em celebrações religiosas, onde a pregação da palavra é feita em duas línguas: o pomerano e o português. O objetivo é facilitar o entendimento da mensagem que se quer passar ao público presente, pois na maioria das vezes as pessoas presentes são representadas pelo

¹⁹ Aberturas de trilhas.

²⁰ STUR, 2016, p. 22.

²¹ DROOGERS, André. *Religiosidade popular luterana: relatório sobre uma pesquisa no Espírito Santo*, em julho de 1982. São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 29.

²² JACOB, Jorge Kuster. *A imigração e aspectos da cultura pomerana no Espírito Santo*. Vitória: Departamento Estadual de Cultura, 1992, p. 53.

público idoso, e este, por sinal, compreende melhor a sua língua materna, o pomerano.

Em muitas dessas comunidades, procura-se preservar algumas tradições em específico, como, por exemplo, o *Altenfeier*, isto é, o culto para as pessoas idosas. Este culto contempla a maioria das pessoas acima de 60 anos, que compreendem e falam a língua alemã. De forma precisa, para essas pessoas luteranas pomeranas idosas, Cristo é a Palavra de Deus que vem a cada um e a cada uma de nós, por meio da Escritura.²³ A verdadeira Palavra é aquela que promove a Cristo.²⁴

Parece que o pomerano é uma língua da vida secular. Pois geralmente não se fala em casa sobre assuntos da fé. As orações se fazem segundo textos decorados em alemão. Aliás, oração espontânea é rara ou ausente. Também não existem hinos em pomerano. A culpa é dada ao fato de que o pomerano não é uma língua escrita.²⁵

A fé vivida em comunidade é carregada de história e significados. Na nova terra, não bastava só crer, era necessário exercitar e promover a vivência da fé num mundo totalmente diferente e estranho. Os imigrantes começaram então a organizar sua vida religiosa: ora sonhando, ora realizando e ora sendo questionados na nova pátria. Sentiam a necessidade de vivenciar a fé e a espiritualidade em terras brasileiras. Viver a fé em encontros, canções e principalmente orações.

O povo pomerano também sofria com questões de intoxicação por picadas de cobras, aranhas e outros animais da fauna brasileira. Onde se fazia necessário o uso de conhecimentos medicinais artesanais. Com isso, o povo também desenvolveu sua fé, vivenciando a espiritualidade cristã por meio de orações e benzeduras, acreditando na melhora de seus parentes e amigos.

O testemunho da busca por meios para alcançar Deus pode ser considerado intenso. A espiritualidade encontrada pelas pessoas nas práticas religiosas coopera para se adaptarem mais rapidamente a

²³ KIRST, Nelson. *Rudimentos de homilética*. Sinodal/Paulinas: São Leopoldo/São Paulo, 1985, p. 12.

²⁴ BAYER, Oswald. *A teologia de Martim Lutero: uma atualização*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 58.

²⁵ DROOGERS, 1984, p. 29.

situações difíceis, como a perda de saúde e da independência.²⁶ “A alma humana é mais receptiva para a palavra de Deus que lhe vem ao encontro em forma de símbolos e ritos do que em forma de uma proclamação oral, muitas vezes árida e intelectualizada”.²⁷

Nos diversos ritos realizados entre os pomeranos é visível a presença de toque, oração e o sinal da cruz para representar a divindade que está presente. Estes momentos podem significar muito para a comunidade cristã luterana e para a sua representação da religiosidade popular. Em sentido teológico, a imposição de mãos, o toque e a oração, são vistos como ação de Deus. Essa não precisa ser realizada somente pelo ministro ou pela ministra, mas ocorre pelo ministério leigo, também vivenciado entre os pomeranos. É Deus agindo.

Em sentido teológico, a imposição de mãos é simultaneamente ato de súplica e ato de transmissão de poder. Através do gesto de súplica e oração pelo enfermo, o pastor e a pastora querem expressar que o poder em questão não procede deles, mas do próprio Deus. Através do ato de imposição de mãos propriamente dito, o pastor e a pastora se tornam um instrumento de mediação da graça, do consolo e do poder de Deus, que prometeu nos assistir na nossa fraqueza. Através de nossas mãos, Deus mesmo se faz presente de forma visível e palpável junto à pessoa enferma. É sua poderosa mão, o seu braço estendido que opera essas coisas.²⁸

O ato de ungir com óleo e fazer o sinal da cruz pode ser comparado com os ritos realizados pelos pomeranos, pois esses, em sua maioria, têm a presença de um elemento visível e o sinal da cruz para representar a presença de Deus. O versículo de Tiago 5.14²⁹, menciona os cuidados que lideranças e pessoas leigas da comunidade cristã podem ter com os seus. Entre as orientações está a oração em

²⁶ KOENIG, Harold. G. *Medicina, religião e saúde*. O encontro da ciência e da espiritualidade. Tradução de Iuri Abreu. Porto Alegre: LePM, 2012, p. 67.

²⁷ HOCH, Lothar Carlos. A cura como tarefa do Aconselhamento Pastoral. In: BOBSIN, Oneide; ZWETSCH, Roberto (Orgs.). *Prática Cristã, novos rumos*. São Leopoldo: Sinodal: IEPG, 1999, p. 20.

²⁸ HOCH, 1998, p. 67.

²⁹ “Se algum de vocês estiver doente, que chame os presbíteros da igreja, para que façam oração e ponham azeite na cabeça dessa pessoa em nome do Senhor”. SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 1343.

nome de Deus. Estes cuidados continuam atuais para as comunidades pomeranas.

No contexto luterano, muitas vezes predomina a razão e menos a emoção e a fé. Por isso, a cura espiritual ou cura das almas é vista como algo pentecostal e inacessível. O reformador Lutero também teria participado de uma cura através da oração a um homem tentado pelo diabo. Segundo ele, é preciso agir por meio da oração de fé no poder de Cristo.³⁰

A benzedura é uma prática tradicional presente em diversas culturas, especialmente em comunidades rurais, onde há a crença de que certas palavras, gestos ou rituais têm poderes curativos, de proteção ou de afastar males. Embora suas formas e métodos possam variar segundo a região e a tradição local, a essência da benzedura está na ideia de que determinadas palavras ou ações podem trazer alívio para males físicos, espirituais ou emocionais.³¹

A presença deste elemento na vida do povo pomerano é muitas vezes questionada. Deste modo, cabe-nos a seguinte pergunta: a benzedura é de fato ligada à religiosidade popular luterana no Estado do Espírito Santo?

Não é fácil dizer o que é benzedura. Na compreensão da comunidade, a palavra benzedura é usada para caracterizar diversos e variados fenômenos. Pode ser alguém que, de posse de um livro de medicina, ajuda os seus vizinhos com alguns conhecimentos adquiridos na leitura deste livro.³²

A presença desta crença popular, como fonte de terapia, é muito forte entre os pomeranos e suas famílias, pode ser fruto de práticas já realizadas por povos que habitavam no Espírito Santo. São utilizadas diversas simpatias, orações e chás como ervas medicinais. Por muito tempo, a benzedura precisou ser exercida às escondidas, devido a conflitos entre pastores e crenças religiosas.³³

³⁰ RIETH, Ricardo Willy. *Cruz e cura na teologia e na poimênica de Lutero*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, ano 43, n. 2, 2003, p. 16.

³¹ SILLER, Rosali Rauta; PLASTER, Josiane Arnholz; ULRICH, Claudete Beise; FOERSTE, Gerda Margit Schütz; FOERSTE, Erineu; TRESSMANN, Ismael. *Mulheres Pomeranas: vozes silenciadas*. Pedro & João, 2019, p. 78-79.

³² RÖLKE, Helmar R. *Raízes da imigração alemã: história e cultura alemã no Estado do Espírito Santo*. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016, p. 590.

³³ SILLER; PLASTER; ULRICH; FOERSTE; FOERSTE, 2019, p. 78.

A benzedura fazia uso de fórmula trinitária, da bênção e do sinal da cruz. Isto mostra que a religiosidade oficial/institucional da igreja era usada pela “religiosidade popular”, usavam-se simbolismos da religião oficial/institucional para sublinhar um caráter cristão da benzedura e de quem a praticava.³⁴

Em um ato de benzedura, é comum que o benzedeiro faça gestos de cruz, murmure preces ou faça movimentos específicos sobre a pessoa ou o local afetado. Pode envolver o uso de objetos simbólicos, como água benta, sal, ervas ou amuletos, enquanto recita orações ou palavras consideradas capazes de trazer alívio ou cura.

Geralmente, os benzedeiros e as benzedeiros são pessoas respeitadas na comunidade por essa habilidade. Usam orações, gestos simbólicos ou objetos considerados sagrados para realizar a bênção. As palavras proferidas durante o ritual de benzer são frequentemente transmitidas de geração em geração, mantendo a tradição viva. O uso da medicina popular ligada à benzedura pode ter sido muito utilizado pelos pomeranos nos primeiros anos de colonização de terras capixabas. Em muitos casos, levavam-se dias para chegar ao local de atendimento; por esse fato, muitas pessoas morriam por picadas de insetos venenosos ou outras doenças e males que podem ser amenizados com medicina popular ou a própria benzedura. Trata-se de uma religiosidade elaborada ao longo dos séculos pelas pessoas comuns, a partir de suas experiências com o sagrado.³⁵

Não é fácil descobrir em que medida, hoje em dia, a medicina popular é menos usada pelos membros que antigamente. Enquanto durante muito tempo a medicina popular era a única de fácil e geral acesso para as pessoas, atualmente a medicina oficial também se faz presente entre os colonos.³⁶

É importante ressaltar que a benzedura é uma prática cultural e muitas vezes está ligada à fé e à crença, não sendo reconhecida pela medicina convencional. No entanto, para muitas pessoas, representa uma fonte de conforto, esperança e uma conexão com as tradições passadas de suas comunidades.

³⁴ RÖLKE, 2016, p. 591.

³⁵ RÖLKE, 2016, p. 567.

³⁶ DROOGERS, 1984, p. 65.

Estar em um contexto de religiosidades e crenças populares implica em diversos conflitos, muitos ministros e ministras já se confrontaram com esta temática. No pomerano é utilizada a expressão *Bijspraka*, que significa acrescentar algo específico aquela dor ou ferimento. Por isso, para compreender melhor a utilização da benzedura em comunidades luteranas, é importante conhecer o simbolismo que acompanha esta ação.

A religiosidade é uma das características mais vivenciadas e preservadas pelos imigrantes pomeranos. Lutero, reformador da igreja protestante na Alemanha, criou a “rosa de Lutero” como símbolo da igreja de Cristo. Para os pomeranos e as pomeranas, a igreja é considerada o local de encontro. Além do aspecto religioso, a igreja é um momento de convívio social, onde as famílias podem estar em contato. Esses encontros são de forma especial importantes para as pessoas da comunidade. São momentos onde se compartilha informações de parentes e amigos e também da necessidade de alguém precisar de auxílio na comunidade.

3. Cultura Pomerana na IECLB capixaba: Batismo, Casamento e Sepultamento

Os primeiros imigrantes capixabas luteranos não trouxeram em sua bagagem um sentimento nacionalista alemão aguçado. Mas trouxeram o sentimento de saudades da sua terra natal, os ritos eclesiais e momentos culturais que envolviam ritos de passagem não considerados pela religiosidade cristã na época, com os quais estavam acostumados. A Bíblia era lida ou deixada debaixo do pinheiro de natal. Nas manhãs de Páscoa, era deixada próximo ao cesto de ovos de galinha coloridos para alegrar as crianças. No entanto,

[...] era importante cada família possuir uma bíblia em casa. Mesmo se pouco lida, tê-la significava uma espécie de trunfo religioso. Ter a bíblia dentro de casa significava algo como atrair a bênção de Deus sobre a casa e a lavoura.³⁷

As pessoas pomeranas cultivam sua espiritualidade e vivência de fé de diversas formas. Uma delas é com a leitura da Bíblia. A Bíblia está presente nas casas das pessoas. Muitas vezes, se recorre à Bíblia quando estão passando por momentos de aflições. Com o auxílio de

³⁷ RÖLKE, 2016, p. 570.

textos bíblicos, cultivam a fé no Deus que se faz presente e auxilia seus filhos e filhas, colonos e colonas, que nos dias de trabalho duro e sofrido, estão firmes e convictos da fé no Deus que guiou seus antepassados e os trouxe para as terras brasileiras, mais especificamente, montanhas capixabas e arredores.

O Batismo, como parte desses ritos, inicia-se desde a escolha dos padrinhos e das madrinhas. Acreditava-se que a criança poderia, de alguma forma, herdar algumas virtudes dos escolhidos. Em muitos casos, são chamadas pessoas do círculo familiar, com o intuito de criar laços. Geralmente, pessoas de idade superior a 40 anos, na maioria das vezes os e as avós recebem o convite para se tornarem padrinhos e madrinhas da criança. Essas escolhas são feitas com o olhar observador dos pais da criança. Leva-se em consideração a educação, a comunicação e a inteligência, pois os pais almejam inteligência e prosperidade para o futuro de suas crianças.³⁸

Em muitas comunidades luteranas capixabas, os padrinhos e madrinhas colocam sobre a criança que está sendo segurada pela mãe em frente ao altar, após o batismo, um envelope enfeitado com figuras adesivas e fitas coloridas. Dentro desses envelopes, atualmente há uma pequena mensagem para futura recordação e também algum valor em dinheiro, também para representar prosperidade financeira; e o dinheiro posto no envelope é utilizado pelos pais na compra de vestimentas e acessórios para a criança.³⁹

Conta-se que em tempos antigos, colocava-se dentro do envelope também os seguintes objetos: a agulha, esta seria para representar que a pessoa seria uma boa costureira; pena de uma ave, que representaria sorte e dedicação com a criação de animais; um lápis para representar inteligência, almejando que a criança desenvolve-se a inteligência mediante a escrita e a leitura.⁴⁰

A preparação para a confirmação na cultura pomerana é um período importante para a pessoa jovem e toda a sua família envolvida neste processo; porém, o processo não é considerado mais importante que o dia do ritual em si. Esse dia é o momento ou ato simbólico que permite a passagem do jovem adolescente para se tornar uma pessoa adulta, havendo possibilidades de a pessoa jovem participar ativamente da vida comunitária, assumindo algumas funções como liderança leiga na comunidade. Neste aspecto, de forma específica, “o ensino confirmatório é um período especial de educação cristã para

³⁸ RÖLKE, 2016, p. 574.

³⁹ SILLER; PLASTER; ULRICH; FOERSTE; FOERSTE, 2019, p. 55.

⁴⁰ SILLER; PLASTER; ULRICH; FOERSTE; FOERSTE, 2019, p. 56.

adolescentes. Ele é uma consequência do compromisso, assumido no batismo, de instruir a pessoas batizada na fé”.⁴¹

A confirmação é uma celebração comunitária em que os jovens que participaram do ensino confirmatório têm a oportunidade de professar publicamente sua fé [...], confirmação é resposta à ação primeira de Deus, que vem a nós com sua graça. [...] Através da confirmação, Deus nos valoriza, fortalece e envia como instrumentos para a sua missão dentro e fora da comunidade.⁴²

Após a cerimônia, os familiares organizam uma festa. No momento desta festa, os presentes oferecidos pelos convidados e pelas convidadas, em sua grande maioria é em dinheiro. Mesmo sendo um bom motivo para uma festa em comunidade, a confirmação acaba perdendo seu verdadeiro sentido para a vida comunitária da pessoa confirmada.

O casamento continua sendo um momento importante para todas as pessoas. Nota-se que este é um momento de partilhar, reunir a família, rever parentes distantes e claro saborear uma boa comida preparada de forma caseira e, após a refeição farta, se reunir no salão de dança e festejar esse dia importante.

A festa de casamento era para os pomeranos a maior e mais importante. A maior parte do ritual era organizada pelas famílias, portanto, um assunto secular. Para a igreja só cabiam dois momentos: o anúncio do casamento- as proclamas- e a condução da bênção no dia do casamento.⁴³

Inicialmente, na sexta-feira com os últimos preparativos para o grande dia. À noite costuma-se realizar o famoso e tradicional “pé de galinha”, essa expressão surgiu pelo fato de serem servidos na refeição miúdos dos animais abatidos, e no grande dia são servidas as melhores partes do animal.⁴⁴

⁴¹ VOIGT, Emilio. *Quem é a IECLB?* São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2016, p. 46.

⁴² GRAF, Geraldo; RAMLOW, Leonardo. *Nossa Igreja - nossa identidade: manual de estudo*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2012, p. 35.

⁴³ RÖLKE, 2016, p. 576.

⁴⁴ SILLER; PLASTER; ULRICH; FOERSTE; FOERSTE, 2019, p. 100.

Após a refeição, reúnem-se no salão principal para o momento do “quebra-louça”. Nesse ato, são atiradas peças de porcelana ao chão. Este ato é geralmente realizado por uma pessoa escolhida. Esta trará versos e votos para os noivos. Após esse ritual, os músicos tocam um repertório para que os noivos ajuntem os estilhaços que estão no chão. Estes devem ser guardados em uma caixa, para serem colocados futuramente na fundação da casa que o novo casal irá edificar, com a finalidade de trazer prosperidade.⁴⁵

No dia seguinte, é realizada a cerimônia matrimonial e religiosa. As pessoas convidadas seguem em procissão até a igreja onde será realizada a cerimônia, com estacas de madeira com uma bandeira colorida amarrada na ponta superior para emitir ruídos e sons sonoros para comunicar as pessoas no caminho que estão seguindo para uma procissão do rito de casamento. Os casamentos não são realizados nas seguintes festividades da igreja cristã: advento, natal, ano novo, quaresma e páscoa. Estas são consideradas festividades comemoradas pelas famílias luteranas pomeranas.

“É com grinalda ou sem grinalda?”. Essa era a pergunta feito pelo pastor, quando o casal o procurava para marcar o casamento, [...]. A grinalda simbolizava a pureza, a virgindade da mulher. E, se ela já tivesse mantido relações sexuais com o noivo, além de ser impedida de usar a grinalda, tinha que pedir perdão ao pastor e aos membros da comunidade.⁴⁶

Na IECLB o sepultamento “eclesiástico tem caráter de culto, nele a comunidade cristã se irmana com as pessoas enlutadas”.⁴⁷ Assim, “na religiosidade popular”, Deus era visto como responsável pela morte das pessoas, por isso nem se levantava a pergunta do porquê. “Deus assim o quis” era a reação mais comum”.⁴⁸

Principalmente entre os pomeranos, alguns ritos, alguns costumes, algumas práticas eram manifestadas, para aliviar e facilitar a ida para o além. Era costume buscar o pastor para administrar a ceia do senhor ao moribundo. Esta ceia podia ser interpretada como uma última tentativa de um

⁴⁵ SILLER; PLASTER; ULRICH; FOERSTE; FOERSTE, 2019, p. 122.

⁴⁶ SILLER; PLASTER; ULRICH; FOERSTE; FOERSTE, 2019, p. 72-73.

⁴⁷ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2016, p. 38.

⁴⁸ RÖLKE, 2016, p. 582.

remédio milagroso para prolongar a vida, mas também tinha o caráter de aliviar e facilitar a ida para a eternidade.⁴⁹

Antigamente era costume ler uma oração pronta do livro de oração “Starcks-Gebetsbuch”. Após falecer, uma pessoa da família se aproxima do morto, como um ato de permissão, fecha os olhos e também a boca caso esteja aberta. Isto se fazia para que a pessoa falecida não pudesse mais chamar outra pessoa para acompanhá-la na morte.⁵⁰

Após o falecimento da pessoa, a família providenciava e organizava o funeral, iniciando com a ida à casa do ministro e da ministra para conversar e agendar a hora do enterro que se realizará mais tarde no cemitério da comunidade. Enquanto um membro da família providência isto, outra pessoa recebe a tarefa de comunicar o sineiro sobre o falecimento de um membro da comunidade.⁵¹

Após comunicar o sineiro, tem-se a tarefa de avisar o coveiro da comunidade, este irá indicar o local onde a abertura da sepultura deverá ser feita. Geralmente, a sepultura é aberta de forma voluntária. Durante este processo, é comum que as pessoas consumam uma bebida forte, como, por exemplo, a cachaça: “era normal tomar aguardente durante este trabalho, o que por vezes deixava a equipe muito alegre e faladeira”.⁵²

Entrava agora a preocupação da família em tratar bem todas as pessoas que vinham ao velório. Em famílias mais abastadas, fazia-se pão com trigo, já que em dias normais comia-se o pão de milho, “brote de milho”. Durante essas refeições, servia-se então pão com manteiga e café, sem grandes preocupações com o luto. Contavam-se histórias e até anedotas. O significado maior desta refeição era indicar que para o falecido iniciava uma nova etapa, mas para os que ficavam a vida cotidiana continuava.⁵³

Com estes ritos e providências, também se prezava pela presença do ministro e da ministra local. Cabia a este conduzir oficialmente o sepultamento, tanto na casa onde a pessoa falecida

⁴⁹ RÖLKE, 2016, p. 582.

⁵⁰ SILLER; PLASTER; ULRICH; FOERSTE; FOERSTE, 2019, p. 99-100.

⁵¹ SILLER; PLASTER; ULRICH; FOERSTE; FOERSTE, 2019, p. 99.

⁵² RÖLKE, 2016, p. 583.

⁵³ RÖLKE, 2016, p. 584.

morava, como também no cemitério. Ao realizar um momento litúrgico na casa, era momento de despedir-se, coloca-se uma das mãos sobre as mãos do falecido, estas cruzadas em forma de oração. “Atrás deste gesto estava a indicação de que a separação não era definitiva, muitos diziam neste momento *Wiedersehen*, algo como, “até ver de novo”, “até à vista”, “até logo”.⁵⁴

Conclusão

Nesse breve estudo que busca destacar a importância de vivências religiosas e comunitárias de imigrantes pomeranos e descendentes que ainda vivem sob esses traços culturais, ressaltamos alguns pontos desenvolvidos em relação a pesquisa histórica de um povo que em solo brasileiro busca celebrar, compartilhar e vivenciar a tradição luterana. Os ritos e crenças que estão presentes em detalhes que por vezes são desconhecidos na forma bibliográfica, porém, a tradição oral se mantém ativa e inserida em muitas famílias e comunidades na localidade do estado do Espírito Santo.

Os pomeranos e as pomeranas, por buscarem formas de vivenciar a espiritualidade e a fé no Deus Trino, estão sempre em constante movimento para poder adaptar-se às novas gerações, às novas tecnologias introduzidas para auxiliar a comunicação e nas tarefas diárias. Estão sempre buscando preservar os traços da cultura, se fazendo necessário repassar ensinamentos e ritos para as próximas gerações. Uma tarefa diária que capacita os e as jovens, um preparo para a vivência comunitária e vivência da espiritualidade popular, a medicina alternativa, conciliando a natureza com fé e religiosidade.

Referências

- BAYER, Oswald. *A teologia de Martim Lutero: uma atualização*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. 284 p.
- DROOGERS, André. *Religiosidade popular luterana*. São Leopoldo: Sinodal, 1984. 91 p.
- FRANCESCHETTO, Cilmar. *Imigrantes Espírito Santo: base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX*. Organizado por Agostino Lazzaro. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014. 1200 p.

⁵⁴ RÖLKE, 2016, p. 585.

- GAEDE NETO, Rodolfo. *Os pomeranos no Estado do Espírito Santo: seu passado, sua situação atual, um desafio para a Igreja*. São Leopoldo, 1978. 35 p.
- GRAF, Geraldo; RAMLOW, Leonardo. *Nossa Igreja - nossa identidade: manual de estudo*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2012.
- HOCH, Lothar Carlos. A cura como tarefa do Aconselhamento Pastoral. In: BOBSIN, Oneide; ZWETSCH, Roberto (Orgs.). *Prática Cristã, novos rumos*. São Leopoldo: Sinodal: IEPG, 1999. 207 p.
- IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Constituição da IECLB: Porto Alegre/RS, 2010. Art. 5º*.
- IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Nossa fé, nossa vida: guia da vida comunitária na IECLB*. Nova ed., rev. e ampl., 11. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2016.
- JACOB, Jorge Kuster. *A imigração e aspectos da cultura pomerana no Espírito Santo*. Vitória: Departamento Estadual de Cultura, 1992. 71 p.
- KIRST, Nelson. *Rudimentos de homilética*. Sinodal/Paulinas: São Leopoldo/São Paulo, 1985. 212 p.
- KOENIG, Harold. G. *Medicina, religião e saúde*. O encontro da ciência e da espiritualidade. Tradução de Iuri Abreu. Porto Alegre: LePM, 2012. 236 p.
- SILLER, Rosali Rauta; PLASTER, Josiane Arnholz; ULRICH, Claudete Beise; FOERSTE, Gerda Margit Schütz; FOERSTE, Erineu; TRESSMANN, Ismael. *Mulheres Pomeranas: vozes silenciadas*. Pedro & João, 2019. 183 p.
- PINTO, Homero Severo. *Missão de Deus, nossa paixão: texto-base para o Plano de Ação Missionária da IECLB 2008-2012*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.
- RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antonio. *Festas, comemorações e lembranças na imigração*. São Leopoldo, RS: Oikos, 2014. 2004 p.
- RIETH, Ricardo Willy. *Cruz e cura na teologia e na poimênica de Lutero*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, ano 43, n. 2, p. 7-20, 2003.
- RÖLKE, Helmar R. *Raízes da imigração alemã: história e cultura alemã no Estado do Espírito Santo*. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. 621 p.
- SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. 1.408 p.
- STRÖHER, Marga Janete. *Trajetória histórica dos pomeranos do Espírito Santo*. São Leopoldo, 1988. 69 p.

STUR, Carlos Rominik. *Pomeranos: os primórdios da colonização e a importância da religiosidade na formação da cultura pomerana no Espírito Santo e Minas Gerais*. Vitória, ES: Gráfica e Editora GSA, 2018. 378 p.

VOIGT, Emilio. *Quem é a IECLB?* São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2016.